



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA



Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

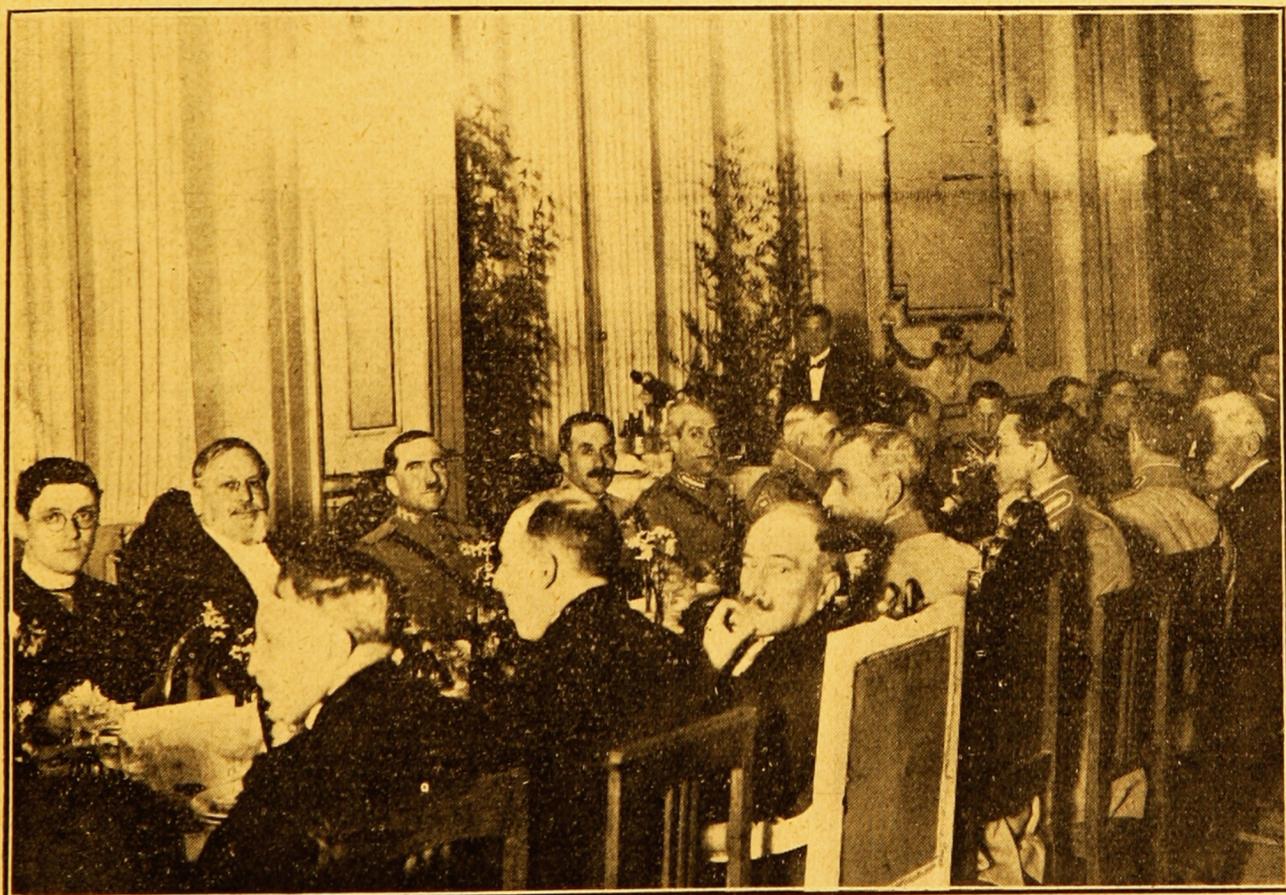
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Ilustração Catholica», Limitada

Braga, 11 de Fevereiro de 1928

Composta e impressa na UNIÃO GRÁFICA  
BRAGA

Anno VII — N.º 310



**BRAGA.** — **Visita Ministerial.** — Presidência da mesa no banquete oferecido pela Guarnição de Braga e realizado no Salão Nobre do Teatro Circo. Os snrs. Ministros da Guerra e Instrução dando a direita ao snr. Conego Avelino Gonçalves, representante do Ex.<sup>mo</sup> Prelado e a esquerda ao coronel snr. Craveiro Lopes, comandante da Região Militar.

(Fot. Chic de Alberto Marques)



# CRONICA DA SEMANA

Poder humano e Reino divino

A semana passada Braga agitou-se, movimentou-se com dois sucessos extraordinários que vieram sobrepôr-se à pacatez serena da sua vida.

A presença de dois Ministros da República, foi um deles; a do P. Mateus Crawley o outro acontecimento.



BRAGA.— O Rev. P. Mateus Crawley com o sr. Arcebispo de Braga, entrando no Seminário para fazer uma conferência ao Clero.

(Fot. chic. de Alberto Marques)

Não foi despida de grandiosidade a visita ministerial; pode mesmo afirmar-se que despertou o interesse popular. Sem ter a rodeá-la aquela vibração de entusiasmo que, devido a circunstâncias várias, acompanhou a visita de Sidónio Pais, foi todavia bastante entusiástica a recepção feita nos Paços do Concelho, aos dois Ministros, bem como as aclamações que lhes prestou o povo frequentador do Teatro Circo, quando foram vistos no camarote de honra.

Bem diferente sucesso a vinda do P. Mateus Crawley. E todavia, ainda mais do que na visita ministerial, tratava-se de um problema de alta política: a de Cristo, cujo reinado universal parece renascer agora na sua revelação litúrgica.

O P. Mateus Crawley, sacerdote peruviano, membro da embaixada da sua República em Roma, fez-se embaixador do reinado de Cristo, e propagandista de novas devoções sobretudo a da entronização do Sagrado Coração de Jesus, como expressão tangível da devoção individual, familiar, social e nacional. Ao Papa Pio X apresentou êle um programa de acção, pedindo o aprovasse. O Papa sancionando-lho transformou em ordem formal a aprovação suplicada. E desde então o P. Crawley fez-se o apóstolo de Cristo-Rei.

Caluniaram-lhe Portugal. Pintaram-lhe lá fóra o nosso país como um abismo de depravações e a nossa República, vestida de purpuras e sentada no animal apocalíptico com a tétrica legenda; *Babylon magna. Mysterium. Mater fornicationis*. E o bom P. Crawley ficou muito admirado ao ver um povo sossegado, ordeiro, trabalhador, e alfobre de virtuosa piedade, de actos generosos de bondosa magnanimidade.

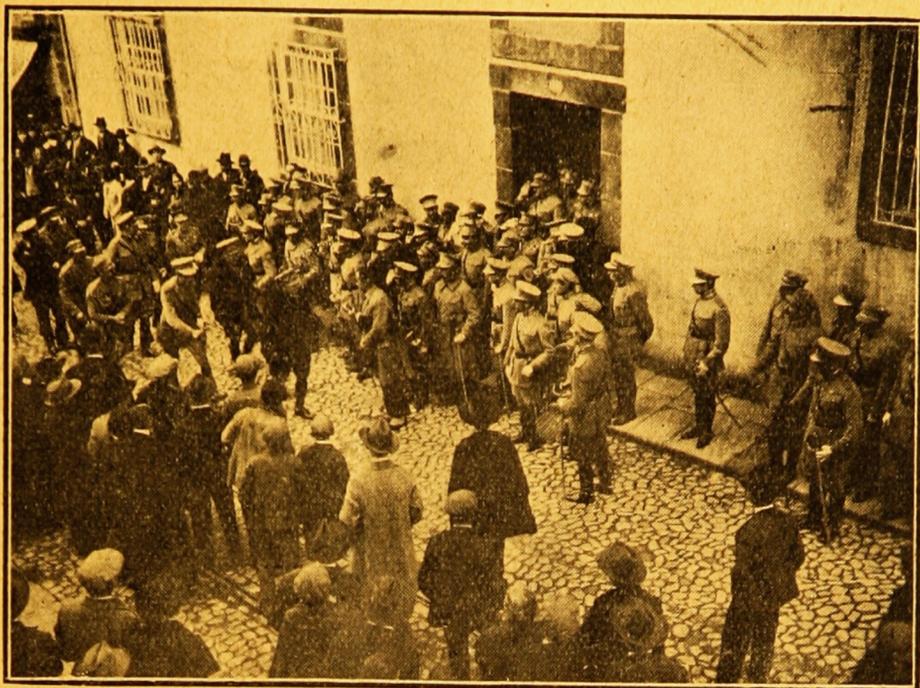
E' que, bom P. Mateus Crawley, Portugal é o predecessor histórico da missão de que Pio X vos encarregou. Sonhando dilatar o reino de Cristo, o nosso Portugal armou caravelas que fôsem levar o seu nome à África, à Ásia, à Oceania. E se da própria América Portugal quis tomar posse, foi celebrando a Missa num altar erguido em terra brasileira. Os interesses de Cristo e os de Portugal por tal fórmula sempre os entendemos unidos que, misterioso sacramento, a Bandeira

Portuguesa, desde há mil ânos, ostenta a representação heráldica do Rei imortal e invisível dos séculos: as quinas, suas Chagas.

\*

O poder espiritual de Deus que o P. Mateus prèga é inabalável. Jesus reinará apesar de seus inimigos. Mas a sua lei é a fonte donde procedem tôdas as leis, como o seu poder é a autoridade donde dimânham tôdas as autoridades. *Pume reges regnant et leges conditores justa decernunt.* O esquecimento do direito divino de todos os regimens justos, da sobrenaturalização de tôda a autoridade aceite livremente pelo povo. é que tem sido causa fundamental de perturbações e desastres sociais.

Quando verdadeiramente se recristianizar a nação, melhorando os conhecimentos da religião, popularizando a teologia dogmática e a moral, fazendo viver normalmente a sociedade ao ritmo da vida litúrgica, isto é quando o reinado de Cristo fôr entre nós uma bela realidade, até a missão do poder civil será mais fácil e mais profícua, que êle também deve fazer o reconhecimento oficial da realza de Jesus. Entretanto, é de registrar a harmonia e delicadas relações que já existem entre os poderes civis e religiosos e que nestas páginas também ficam gráficamente documentados.



BRAGA. — Visita ministerial. Saída da recepção ao sr. Ministro da guerra no Comando Militar.

(Fot. Chic. de Alberto Marques)

O govêrno português, em diplomas do Ministério das Colónias, — prosseguindo uma boa política que os govêrnos anteriores, deve confessar-se, iniciaram — facilitou ao Estado a continuação daquela sua obra tradicional que tem tamanho paralelismo com a do P. Mateus Crawley. Pelo reinado de Cristo as nossas caravelas riscaram todos os mares, levando os missionários ao coração da China e às praias do Japão, à Etiópia alta e às selvas americanas, Que seja ainda assim, que o nosso país seja o émulo daquele Padre que êstes dias tanto nos entusiasmou e que no futuro se registem de novo as gestas portuguesas.

*Dilatando a Fé e o Império!*



CORUNHA — A meza do Congresso das Juventudes Catolicas Espanholas.



O senhor Guitry (Sachá) é fertil neste genero amavel de proesas. Actor moderno, culto, grande actor mesmo, para quem a arte do Tablado não tem segredos, em plena gloria, adulado, requerido, cheio de fama e de dinheiro, quiz alargar o vasto campo dos seus triunfos e fes-se dramaturgo. Não lhe levamos a mal a doirada ambição, sem contudo deixar de reconhecer que como homem de teatro não iguala a sua personalidade celebre de creador admiravel de tanta maravilha, e que os seus successos de escritor dependem consideravelmente das suas faculdades de actor. Neste caso especial as obras dos autores-actores são um pouco como as curas dos boticarios. Estes, estão para os medicos na mesma relação que os actores para os dramaturgos; o seu mister é aviar as receitas, e se mais habilidosos ou mais audazes, excedem a sua missão e clinicam, mesmo com exito, não podem negar que estão fora da sua orbita, que excedem o seu papel afinal. Os actores egualmente tem o dever amavel de interpretar os autores; são os seus colaboradores, os seus braços, as suas ajudas, as maquinas divinas que a scintella agita, para dar expressão, fórma, relevo, côr, ao pensamento do artista.

Sem elle, o dramaturgo nada faz, o que não quer dizer que o actor possa suprir o escritor, substituir-se-lhe, porque podendo ser um grande valor scenico não é por isso mesmo um autentico valor literario.

O facto de conhecer a fundo a engrenagem intima do teatro, a carpinteria subtil das peças, o calculo dos efeitos, a dosagem harmoniosa dos sentimentos e das paixões, não quer dizer só por isso, que o actor possa escrever uma obra de teatro.

Guitry é um grande actor mas francamente um escritor mediocre, que faz vingar as suas obras por uma entrincada exhibição de scenarios, de efeitos de *trucs* é sobretudo pela sua propria interpretação. As suas peças, nem todas são um prodigio de mecanica teatral, uma amalgama de *trucs*, de efeitos, de cordelinhos, mas por isso mesmo, serenas, geometricas, frias, sem fogo, sem paixão.

Verneuil outro actor-autor é mais escritor e nem por isso as suas obras deixam de ter estes identicos defeitos, o mesmo excesso de tecnica, como por exemplo o *Satan*, que Brulé e Leby representam agora, com tanto exito, no velho *Antoine*.

Mas não foi somente sob este aspecto, que a nova comedia de Guitry — «*Jean de La Fontaine*» em scena no Teatro Eduardo VII, nos irritou um pouco.

Esta obra que é o seu melhor trabalho de fazedor de peças, é um autentico e grande triunfo da sua vida de actor e ensaiador, recheada de tudo quanto possa deliciar, interessar, seduzir, com todas as *ficelles* e todas as delicadezas subtis, é a vida do poeta francês *Jean de La Fontaine*, posta aos olhos do mundo, não por outro poeta mas tão somente por um homem de teatro, que retalhou aquella alma com a friesa com que o anatomista erealpelisa um corpo anonimo sobre o marmore frio de uma morgue. E é contra isso que eu me revolto, contra isso que eu protesto como se fosse licito arrancar do seu encadre de lenda uma grande figura para a exhibir num tablado, na plenitude da sua vida, com as suas pequenas miserias e as suas grandes tambem, depreciando-a aos olhos daqueles que viam o homem atravez da sua obra num prisma, talvez falso, mas superior e cheio de prestigio. E revolto-me, como sempre me tenho revoltado, quando vejo esmiuçar na correspondencia dos escritores traços intimos das suas vidas, que para si guardaram, que para si esconderam, que apenas confidenciaram a amigos discretos, para que muitos anos depois impiedosamente fossem assoalhados por alguem nem sempre movido por uma ancia de estudo, das suas personalidades, mas quasi sempre para que o brilho ainda não extincto dessas personalidades justifique as suas exitações de plumitivo.

Guitry tem abusado neste genero desde *Mosart*, *Debureau*, onde faz perpassar em blandicias mais ou menos poeticas, Musset, Victor Hugo e a pobre Georges Sand até ao bisarro *La Fontaine*, agora em scena com todas as suas intimidades retalhadas na friesa da ribalta numa exhibição verdadeiramente artistica mas, — perdoe-nos o grande actor que muito admiramos como actor e ensaiador, mesmo nesta peça, onde o seu exuberante talento scintila, — muito pouco literaria. Bem sei que é difficil, extremamente espinhosa a tarefa de pôr em scena uma grande figura de escritor e que são raros os exemplos de probidade literaria como o do grande e malogrado D. João da Camara, trasladando para teatro a obra prima de Camilo «O Amor de Perdição». Bem sei; mas sei tambem que a personalidade dos escritores é sagrada e que só eles são juises do que a vã mundanidade deve conhecer das suas obras e das suas vidas. Divulgar-lhes o que eles para si guardaram, e só para si viveram, é mais do que petulancia literaria é um atentado vulgar.

Por isso a obra teatral de Guitry apenas me agrada pelo que representa como trabalho admiravel dum actor. José de FARIA MACHADO.

# QUADROS DE LISBOA

Varella Cid e Dóra Soares, dois notaveis artistas.

Na vida musical da nossa capital dois nomes se destacam, que atravez dos seus talentos, tem honrado o nome artístico de Portugal, tanto em concertos aqui realizados, como no Brazil e na republica Argentina, o



A ilustre violinista Dora Soares Varella Cid.

(Sacavem).

jovem pianista Varella Cid e Dora Soares, ilustre violinista, distinta senhora brasileira, hoje casada com o nosso artista e professor Varella Cid.

Ao lado de Oscar da Silva, de Viana da Mota, de Luiz Costa, pianistas bem estimados, como artistas nacionais, aparece Varella Cid, que apesar de muito novo, já conquistou à custa do seu talento o logar de professor do Conservatorio.

Tenho acompanhado a vida artística de Varella Cid desde os seus tempos de estudante quando as suas disposições artisticas começavam a desabrochar, iluminadas pela chama rutilante do talento, na ingrata senda da Arte.

De ano para ano as suas qualidades de pianista vinham acentuando-se e quando o ouvia tocar, a sua dedilhação, equilibrio de som, jôgo de pedais, intelligencia de interpretação, tanto nas obras antigas como nas modernas,

sempre pensei que teriamos um pianista que daria nome ao nosso país.

Assim foi; Varella Cid, como concertista, como professor, possui um nome respeitado no nosso meio artístico e cada concerto onde entra, é sempre mais uma nova conquista coroada de aplausos.

Varella Cid, tão novo ainda, já é conhecido em Hespanha, França e na Alemanha.

O ano passado em Paris realizou alguns concertos dos quais a critica fez os maiores elogios. Há um mez chegou do Brazil e da republica argentina, onde fez uma brilhante *tournee* com sua esposa, e grande artista, pelas principais cidades da nossa nação amiga e em Buenos Ayres, cidade esta acostumada a ser o asilo das maiores notabilidades mundiais. Em todas estas cidades, Varella Cid, recebeu as maiores ovações e justos artigos lhe consagraram belos encómios. Hoje, de volta a Portugal, contou-me o que foram tais concertos, vindo encantado com a forma como os diversos publicos o receberam e a sua esposa.



O distinto pianista e professor Varella Cid.

(Sacavem).

De Dora Soares, formosa senhora brasileira, ficamos há tempos em contacto com o seu talento de violinista, em concertos dados no Club Brasileiro e no salão do Conservato-

rio. O violino pela sua tecnica brilhante, rara afinação, traduz cheio de sentimento a melodia mais simples e duma forma suggestiva as passagens mais difíceis das peças de maior responsabilidade.

Nos seus concertos sempre tocou, estando ao piano Varella Cid, e assim estas duas almas artistas foram pouco a pouco unindo-se até que Dens as uniu, para continuarem a brilhar no campo da Arte e a elevarem o nome de Portugal ao altar artistico que ele merece.

No elegante salão do Tivoli iremos assim ouvir brevemente estes dois artistas em

duas tardes d'arte musical, em obras, algumas em primeira audição em Portugal, tendo plena certeza que a melhor sociedade de Lisboa lá irá, afim de os apreciar e aplaudir como merecem.

Falando destes dois artistas nas colunas desta revista, revelo aos meus leitores, dois temperamentos musicais de raro merito e que compreendem a arte dos sons, pelo prisma de um Ideal, facho luminoso a devendar horisontes risonhos de esperanças.

Lisboa — Janeiro.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

## MOTIVOS LITERARIOS

### A bela virgem louca

A Arte pela Arte é a preocupação evidente de muitos literatos novos... e velhos.

Pensam engrandecer a Arte, tornando-a egoista, forçando-a a um exclusivismo estéril...

Para êsses, liberta de fronteiras, «beleza» apenas, tentando um Absoluto que só a Deus pertence, não tem balizas nem reconhece realêzas: é uma cavalgada fantastica a perder-se no infinito!

«— O que é belo é moral — sofismado.

Uma ancia apenas: conseguir «beleza!»

E esquecem-se de que esta, como a virtude, não passa de um tentar d'azas ansiosas sob a cupula infinita do céu. Quem pode atingir o Horisonte — se o Horizonte é a Perfeição inatingível, Deus?

E' Ahi que fica o Absoluto. Perante Ele — como comprehender a rebeldia da arte, o orgulho de se julgar Rainha?

A sua gloria estaria precisamente em se reconhecer escrava. Orar é subir. Só a humildade é capaz de conceber a suprema Grandeza.

O regato humilde que rasteja reflete o céu cheio de estrelas; e o Mar soberbo só reflete o sol — que é estrela mais chegada...

\*

Os senhores Raul Brandão e Teixeira de Pascoais, dois escriptores ante cujo Talento me curvo reverente, porque é um Talento com maiuscula, escreveram uma tragi-comedia — «Jesus Cristo em Lisboa».

Andaram mal. Jesus, Pessoa divina, com Sacrarios nos templos e nas almas, que viveu a tragedia mistica do Calvario, não é para sêr levado, sob disfarce indigno, ao mesmo palco onde se representam entre mêzes pecaminosos e se expõem pornografias miseráveis.

Sob qualquer arpecto que se encare a referida obra, a infelicidade dos dois illustres literatos ressalta imediatamente. Vejamos: Se tomaram Jesus *como homem*, apenas, tal ousadia significa afronta grave para as almas piedosas; se O tomaram *como Deus*, maior pecado cometeram: porque não hesitaram em arrastal-O a um palco — que não é, positivamente, altar...

Não discuto o valor artistico desse trabalho. Persuado-me de que deve ser grande, porque os nomes que o assignam são dois grandes nomes.

A *belesa*, porem, não é motivo para absolvição; que, se o fosse, Lucifer não estaria onde está...

\*

Vale a pena lêr o que sobre o assunto escreveu o «Diario de Lisboa». Isto;

... «A sua vida e a sua obra (e Vida e a Obra de Jesus) estão marcadas com um selo que as sciencias e as artes humanas ainda não conseguiram imitar.

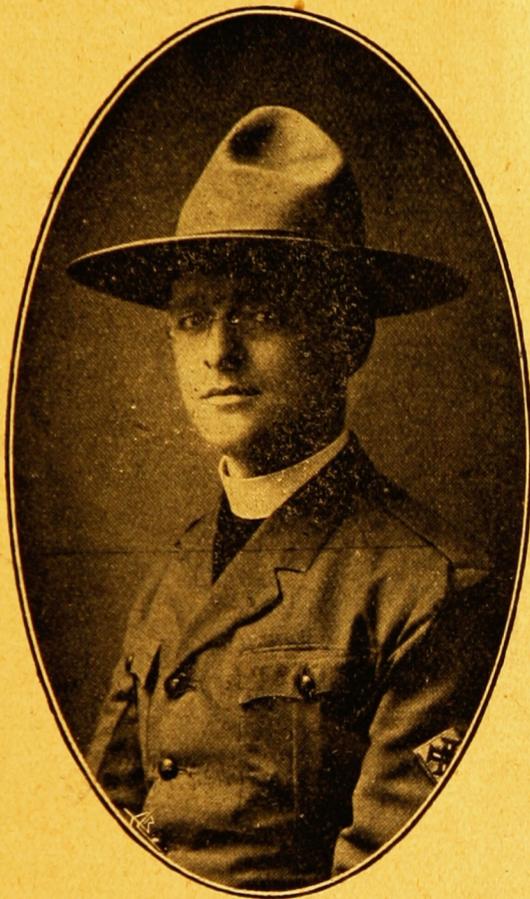
...A verdade não se presta aos equilíbrios instaveis em que os escriptores e os artistas suspendem as suas criações, balouçando-as entre o efêmero e o eterno.

...Quer no bem quer no mal, nunca aceitarão (as Nações) Jesus como personagem duma tragi-comedia.»

. . . . .

Porque a Verdade suprema, divina, não póde de fórma alguma prestar-se a fingimento: sente-se, vive-se, venera-se, e, sobre tudo — respeita-se!

Teixeira Pinto.



Dr. AVELINO GONÇALVES  
Inspector-mór do C. N. S.

## ALERTA!

### Aos Escoteiros de Portugal

Jóvens fortes, jóvens crentes,  
como os nossos Pais de outrora,  
almas sãs, almas ardentes,  
ébrias de chama e de aurora:  
Caminhai, numa só fila,  
para a Glória que rutila,  
além, serena e imortal!  
Preparai-vos e marchai,  
trabalhai, rezai, cantai,

Rapazes de Portugal!

Contemplai a fúria brava  
e o denso fragor atroz  
do combate que se trava,  
há muito, em redor de nós.  
Levantai-vos sem tremer,  
e lutai, até morrer,  
olhos fitos num ideal!  
Não pareis nessa arrancada  
de audácia desassombrada,

Rapazes de Portugal!

Entreabrindo o vosso peito,  
E a vossa bôca fremente,  
Acordai o mundo atreito  
ao sono mais indolente!  
Sêde Heróis! E, para prova,  
rasgai uma Estrada-Nova  
direita ao Azul astral,  
que vá ligar-se ao Tabôr  
da Fé, do Bem e do Amor,

Rapazes de Portugal!

De frente erguida e desperta  
à voz de quem vos conduz,  
restaurai nesta hora incerta,  
a Certeza, a Paz e a Luz!  
Prêgai Deus, ensinaí Cristo!  
E, num rasgo jãmais visto  
de entusiasmo sem igual,  
arvorai, por tôda a parte,  
o Seu divino Estandarte,

Rapazes de Portugal!

Só assim tereis, como os Roldões  
de outrora,  
a simpatia universal dos povos,  
O' Cavaleiros de Agora,  
Cruzados dos Tempos-Novos!

Moreira das Neves.

# Relíquias do Passado

## Casa da Taipa

O velho solar dos Pereiras *Marramaques*, de tão nobres tradições, já não apresenta a grandeza e imponência doutros tempos. Sobre as ruínas do soberbo palácio quinhentista vê-se actualmente um edifício banal e incaracterístico, cuja construção deve datar do século 18.

A "Casa da Taipa,, situada na freguesia de S. Nicolau, do concelho de Cabeceiras de Basto, pertenceu a uma família das mais ilustre do país, gosando de notável prestígio em tôda a região de Basto. Ali viveu António Pereira, varão douto, muito querido do grande poeta Sá de Miranda, que lhe dedicou uma das suas mais famosas composições poéticas, onde são celebrados os encantos e belezas dessa moradia fidalga.

Dessas longínquas eras, apenas se encontra de pé a capela do solar, que segundo uma tósca inscrição existente por cima da porta principal, foi obra mandada executar pelo mesmo António Pereira, no ano de 1500.



S. NICOLAU. — Uma característica. Porta da Casa da Taipa.

E' um curioso edifício, cuja configuração exterior lembra uma pequena mesquita, encontrando-se situado numa pitoresca eminência, donde se domina um suggestivo panorama.

Na velha casa senhorial somente se destaca a gloriosa cruz dos Pereiras, do lado do sul, e uma porta com certo desenho arquitectónico, subjacente à escada principal, virada ao nascente. Nada mais.

A mesma "fonte da barroca,, tão apreciada por Sá de Miranda, pela sua frialdade em Julho e Agosto, também debalde se procura, parecendo ter sido desviada para outro local, de mistura com novas águas, exploradas em tempos mais recentes. Causa verdadeira tristeza ver assim transformados sítios de tão adorável encanto, a que o nosso espírito se sente irresistivelmente prêso, pelas suaves recordações que deles se evolvem!

Nos esplendrosos tempos da "Casa da Taipa,, muitas personalidades ilustres ali se hospedaram, entre os quais destacaremos Sá de Miranda — o inclito poeta, a quem tanto aprazia a vida rural — e D. Frei Bartolomeu

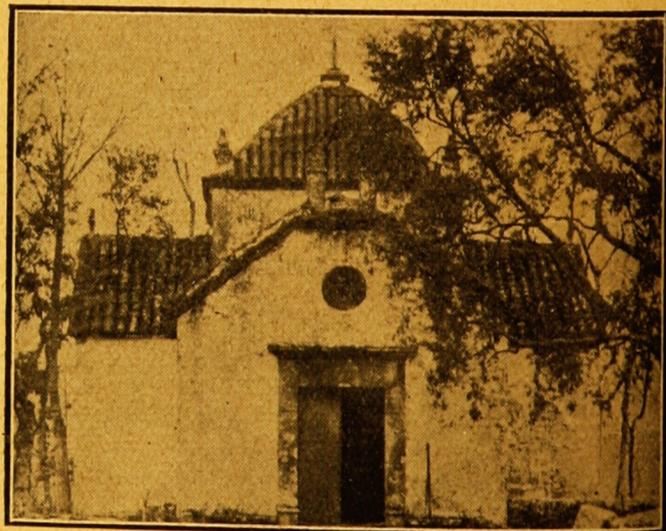
dos Mártires, o virtuoso arcebispo, de tão refulgente memória. Com o andar dos tempos, os senhores da "Casa da Taipa,, trocaram o viver simples da sua residência campestre pela vista faustosa da capital, abandonando por completo o antigo solar, que assim entrou em decadência. Por falecimento do último Conde da Taipa e de seu irmão a histórica



S. NICOLAU. — Casa da Taipa

propriedade uniu-se à de Caparica e Valada, em poder de quem se conservou até 1876.

Nesse ano foi, finalmente, vendida ao sr. Saldanha de Castro, da ilustre Casa do Santo, de Fafe, que, por sua morte a transmitiu a seu filho e nosso presado amigo, sr. dr. José Leite Saldanha de Castro, seu actual possuidor.



S. NICOLAU. — Capela da Casa da Taipa.

\*

A freguesia de S. Nicolau é também conhecida pelo nome de freguesia de Cabeceiras, dando a designação ao concelho de

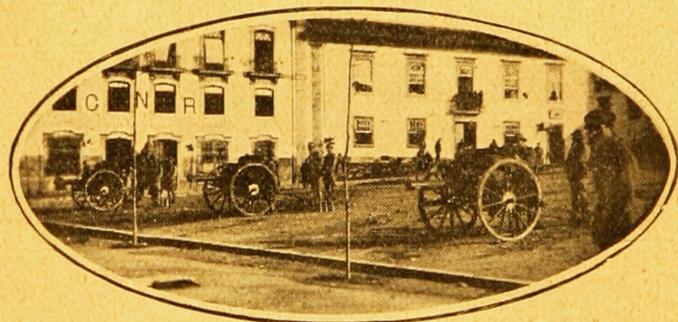


**BRAGA.** — Visita ministerial. — Parada na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra

(Fot. Chic de Alberto Marques)

que faz parte. Os Pereiras *Marramaques* tinham o senhorio de Cabeceiras de Basto e outras terras, dispoindo de vastos domínios, e recebendo inúmeros foros de propriedades emprazadas. Eram fidalgos poderosos, tendo alguns deles praticado acções valorosas nos domínios portugueses da África e da Índia. Quanto a António Pereira — o contemporâneo de Sá de Miranda — tinha grande predilecção pela Casa da Taipa, vivendo aí habitualmente, desde que casou, e era um espírito douto e esclarecido. Dedicou-se a estudos genealógicos, tendo deixado um apreciável livro sôbre tal assunto.

88



**BRAGA** — Visita ministerial — A bateria de Artilharia no Campo Conde d'Agrolongo

(Fot. Chic de Alberto Marques)

Uma bateria de artilharia 15 deu as salvas e se incorporou na grandiosa parada, durante a qual o sr. Passos e Sousa, condecorou um combatente da Grande Guerra.

Foi um dia de brilho e prestígio militar o dia 3 de fevereiro.

Mas os seus ultimos ecos morreram nas melodias suavissimas do canto orfeonico: «Portugal é lindo!».

\*

No dia 6 foi celebrado em Lisboa — como de resto em todo o mundo, —



**BRAGA.** — Visita ministerial. — O Sr. Ministro da Guerra condecorando o sargento Ramos combatente de guerra

(Fot. Chic de Alberto Marques)



PORTO — No Quartel General — O Sr. ministro da Guerra discursando deante das autoridades no dia da sua chegada ao Porto.



PORTO — Parada militar em 31 de Janeiro — O Comandante da 1.<sup>a</sup> Região Militar com o seu estado maior, assistindo ao desfile das tropas.



**PORTO** — Na Escola Normal — Os srs. ministro da Instrução e director geral, com os corpos docente e discente na ocasião da sua visita àquele estabelecimento de ensino.



**LISBOA** — A questão do Entreposto de Gaia — Nos Passos Perdidos — O Sr. Presidente da Republica com o ministro da Agricultura, ouvindo ao Sr. Dr. Antão de Carvalho um relato acerca da questão do Douro.



ROMA — Os novos cardiais, Seredji, Binet, Roulean, Lepicier e Segura, quando receberam o chapéu cardinalício.

o aniversario da eleição de S. Santidade Pio XI. Preito de homenagem filial, não ha por que, neste momento, apresentar as altas qualidades do grande Pontifice. O seu character supereminente de chefe da hierarquia, de supremo liturgo, são o bastante para que o mundo inteiro vibre no mesmo ardor de fiel devoção e peça as benções do céu, dizendo, como no carne pascal dos tempos medievos.

*Proteje, ó Cristo, o Papa de Roma!*

\*

Roma, mãe e cabeça das igrejas, patriarcado do mundo, adorna-se com a fulgurante coroa dos seus 70 titulos, de diversas categorias episcopais, presbiteriais e diaconicos: — o Cardinalato, emfim.

E para preencher algumas das vagas que existiam no Sacro Colegio, o Sumo Pontifice criou no ultimo Consistorio, efectuado no Advento, segundo a historia da liturgia e os seus costumes de uma grande ordenação nesse periodo alguns novos cardiais. Foi tirado desses Principes da Igreja um interessante grupo, que se insere entre a documentação grafica deste numero.

\*

A Igreja vive: a sua alma mistica e real é o Espirito Santo, o Espirito dominador e vivificante. Deus-Espirito

Santo que a inspira e anima e sopra onde quere move os seus filhos para uma acção intensa de apostolado, de caridade, multiforme como a existencia humana.

Uma das mais interessantes manifestações da vida social da Igreja são as juventudes Catholicas. Jovens notaveis na vida da Igreja os houve sempre, distintos por sua piedade, aureolados pela santidade ou coroados pelo martirio. Para não falar nos conhecidos S. Luiz, S. Estanislau, e S. João Berchemans, e nos mais novos S. Geraldo Majila ou B. Gabriel da Dolorosa, — poder-se-hia recordar aqui a S. Tarcisio, o acolito portador e martir da Eucaristia, S. Pancraccio, o nosso S. Victor, outros muitos celebres em verdes anos, e o ultimo martir da peninsula, o quasi nosso S. Plagio, cujo culto é ainda vulgar entre nós com o titulo de S. Paio, orago de tantas paroquias do Minho e Douro.

A S. Pelagio, com muita propriedade, se consagraram as Juventudes Catholicas de Espanha.

## PENSAMENTO

O pobre mau venderá tudo, sem exceptuar a virtude. Por isso, quando não houver cuidado na distribuição dos socorros, augmentará o numero dos pobres maus.

# As maravilhas da caridade cristã

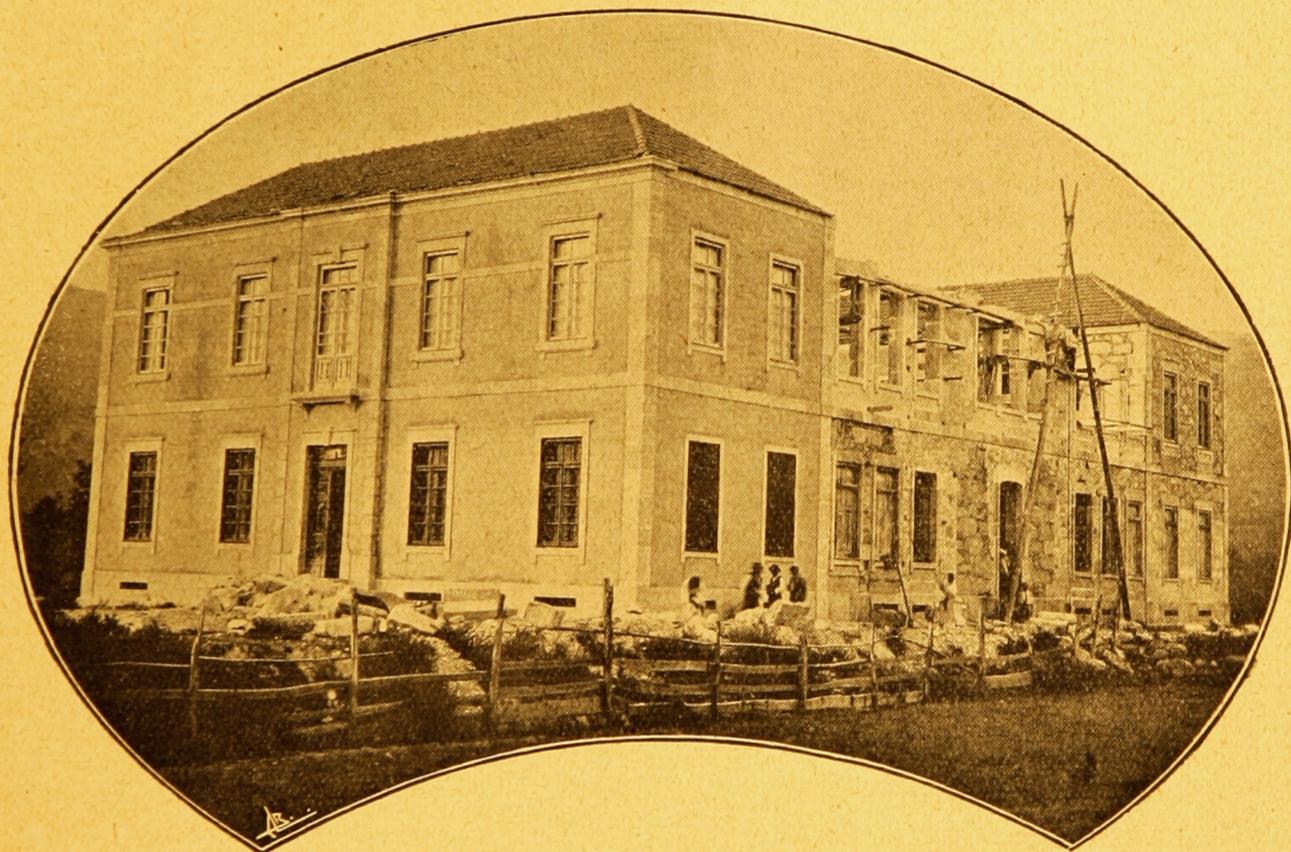
## ○ Hospital de Vieira do Minho

E' memorado com extremos de carinho aquele glorioso imperador romano que tinha por perdido o dia em que não fizesse algum bem. Belo e apreciável critério, que deve também ser o nosso. Não é digno do nosso affecto nem da nossa dilecção aquele homem que, cerrando o coração às nobres inspirações, se confina num isolamento atroz e não se digna lançar o óbolo da sua

dade, embora modesto, queremos aqui arquivar o nome e as obras,

Foi um modesto lavrador de Vieira do Minho que norteado por um ideal sublime, tôda a sua vida cogitou em capitalisar com que edificasse um Hospital na terra que lhe foi berço.

João de Araújo, vulgo João da Torre, desceu ao túmulo sem ver executado o seu



O HOSPITAL. — Estado das obras em 1923.

caridade na mão do indigente e no regaço da viúva envergonhada.

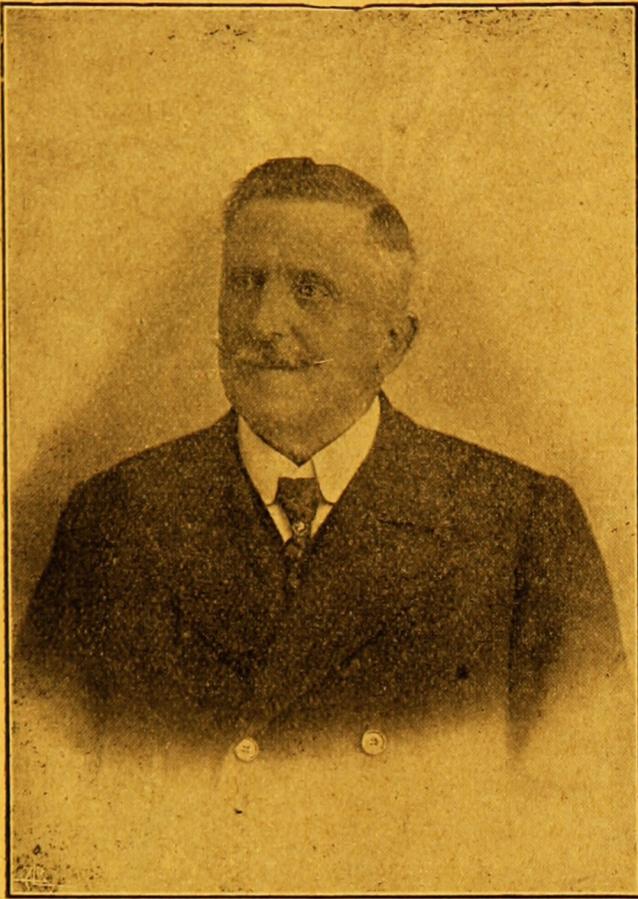
Ao contrário dele, há homens que só se comprazem em fazer bem, e vai para eles todo o nossa affecto enternecido e tôda a nossa admiração. Uns são comemorados nas páginas da história por seus feitos bélicos ou por suas carnificinas; os homens de que falamos, ficam com um nome sem mancha nessas páginas, porque em vez de matar e destruir, só edificaram e só bemfizeram.

De um desses beneméritos da humani-

dadioso intento; mas os seus testamenteiros não deixaram que se perdesse aquela providencial semente que, deitada à terra, germinou e frutificou maravilhosamente.

As obras do almejado Hospital, começadas sob a direcção do sr. dr. Alvaro José de Miranda Magalhães, tiveram porém de parar a breve trecho, porque o capital deixado pelo saudoso João da Torre, não chegava. E paradas estiveram vários anos, até que a Providência quiz que arribasse a Vieira, como juiz de direito, o integérrimo magistrado que

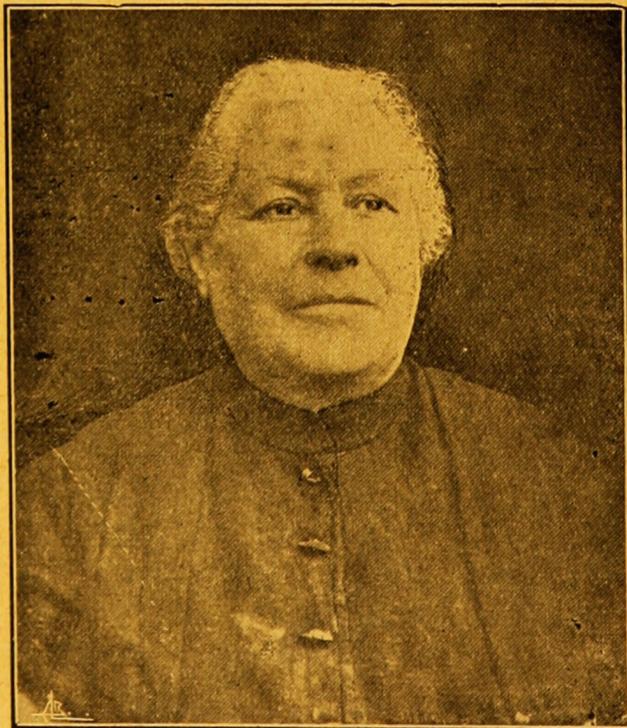
é o sr. dr. António de Magalhães. Este, com a sua proverbial tenacidade, amealhando por subscrições dinheiro para concluir as obras, logo se abalançou à grata empresa. E as paredes foram subindo, subindo, até que há



*Alexandre d'Affonseca Fernandes  
que mobilou á sua custa a enfermaria dos homens.*

coisa de 2 ânos se pôde realizar a inauguração do Hospital, Estão na memória de todos as grandiosas festas que então se fizeram, chegando a ir à linda vila minhota muita gente de Braga e das terras circunvisinhas de Vieira.

Desejando prestar homenagem aos beneméritos que assim levantaram em Vieira tão grandioso monumento de caridade cristã, queremos esperar que os gestos deles serão imitados por outras pessoas de copiosos haveres. O Hospital de Vieira, embora disponha de alguns meios, não pode ainda dispensar a caridade



*D. Maria das Dores Vieira Dias de Alvarenga  
(Transleira), grande bemfeitora do Hospital.*

particular; são muitas e urgentes as suas necessidades.

Quem pretender notícias mais desenvolvidas sobre o «Hospital João da Torre» pôde pedir o livro



*D. Maria Amélia d'Oliveira  
bemfeitora do Hospital.*

*Vieira do Minho*, que se vende a favor do Hospital, e que nas suas 600 páginas, ilustradas com perto de 250 gravuras, descreve todo o concelho de Vieira do Minho.

O seu preço, franco de porte, é de 30 esc.

### Os sete degraus da vida

Contemos do berço... No primeiro degrau, eis a alma, chegada apenas hontem a esta mansão, e que, dilatando-se já ao sorriso maternal aprende a amar ao mesmo tempo que aprende a respirar. Na segunda idade, dominando os seus órgãos, inicia-se nos tesouros acumulados pelas gerações passadas, e habi-

lita-se para tomar utilmente o seu logar na harmonia da sociedade,

Apresenta-se um novo degrau, e o homem, tendo já compreendido a ideia da familia, entra na grande e substancial ideia da patria, e para ali se conservar é mister que



*Dr. Antonio de Magalhães Barros de Araujo Queróz, Juiz de Direito, que deu grande impulso às obras do Hospital.*

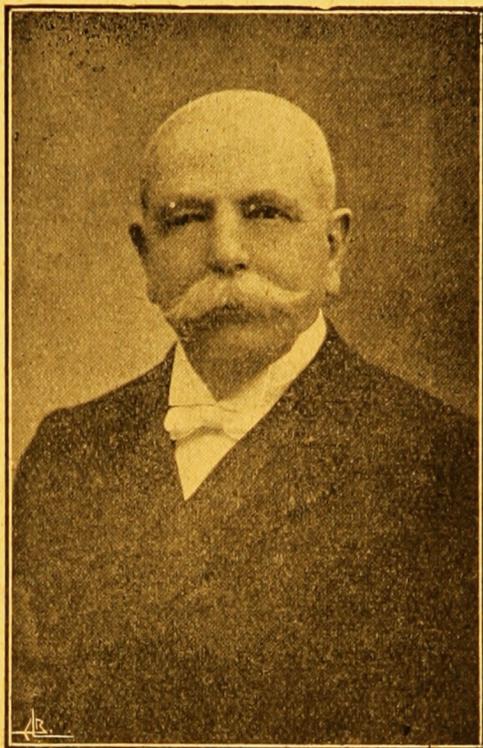
pratique acções generosas, que se sacrifique por ela nos campos de batalha, ou que preste qualquer outro serviço desinteressado que o acostume á abnegação, e complete assim a sua educação pelo exercicio formal de todas as virtudes.

Quando chega a quarta idade, o homem está pronto: trata de procurar a sua companheira, e, a final, vem a enraizar-se no genero humano, tornando-se o ramo de nova familia. E' então que é preciso, contribuindo para a felecidade comum, pensar mais directamente em si, e fundar pelo trabalho o porvir e a independencia de seus filhos.

Na idade seguinte, fortalecido pela experiencia e gozando da estima publica, pôde o cidadão dedicar à patria uma parte da vida, exercendo as funções de confiança para as quais for chamado ou eleito. Soará em breve a hora da ve-

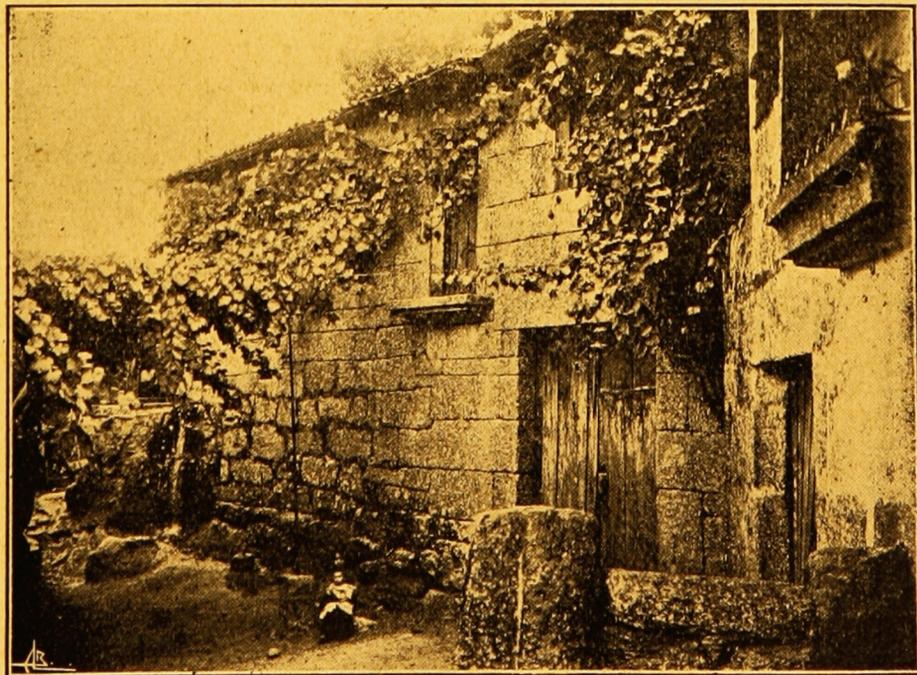
llice: é o momento do descanso, o domingo da vida; em vez de ser um periodo de afflicção e de inveja, é-o, pelo contrario, de benevolencia, de piedade e de recolhimento.

A escada da vida chegou ao termo, subiram-se já os sete degraus; é, pois, neces-



*Manuel Joaquim Rebello Duarte, Illustre benfeitor do Hospital.*

sario aprontar-se para subir os mais sublimes com um passo mais firme, mais seguro e mais feliz. Tal é o segredo da morte. O homem não subiu gradualmente, durante a vida, para essa transfiguração final, senão para ganhar residencia melhor, mais perfeita forma e virtudes mais solidas.



*VIEIRA. — Mosteiro. — Casa a onde nasceu, viveu e morreu o fundador do Hospital de Vieira, Sr. João Baptista Vieira de Araujo.*

## Pois como havia de ser

Estava doente Santa Teresa e, por distraí-la uma sua religiosa, portuguesa, a Madre Catarina da Conceição, começou a bailar diante dela.

A Santa, como gracejando da acção, lhe disse que ela até para o ceu havia de ir a rir.

E aquela respondeu prontamente: Chorar é que lhe garanto que não vou!

## Cada dia se emendava

Um fidalgo moço pretendeu certo bispo e nesse assunto falou ao Duque de Lerma, valido de Filipe III. O Duque fez-lhe notar a pouca idade respondendo: E' vossa senhoria muito moço para Bispo.

O pretendente retrucou, porém, logo:

— Se V. Ex.<sup>a</sup> não me encontra outro defeito dêsse que me nota, prometo emendar-me todos os dias.

O Duque agradou-se tanto da resposta que promoveu rapidamente o seu despacho.

## Boa serenata

Certo namorado preparou para sua dama uma bela serenata, porém ela recebeu tão mal a fineza que o fez retirar a pedradas.

No outro dia sabido o successo, zombavam dele os amigos, mas éle assim fazia callar as zombarias: — Podia acaso eu cantar melhor, se trouxe após mim as pedra qual Orfeu?

## Critica literária

Certo cavalheiro mostrou um soneto ao Conde de Ericeira D. Luís de Meneses, e como lhe perguntasse a opinião, éle respondeu: — Senhor dêste soneto vos digo o que se costuma dizer a um amigo que veste um fato novo: êsse rôto e outro melhorado.

## Fatalismo à fôrça

Zenão, filósofo, que apanhou furtando um seu criado, o açoutou. Desculpava-se o servo dizendo, que tinha por fado ou sorte o furtar. E Zenão, acrescentou: e ser açoutado!

## Pergaminhos de valor

Um gracioso del-Rei D. Sebastião provava a sua fidalguia com êstes argumentos: — porque mentia; não pagava a ninguém; e era amigo do doce.

## Com bons propósitos

El-rei Agis dizia que os Lacedemónios não preguntavam quantos são os inimigos mas sim onde estão os inimigos.

## Que massador!

A Universidade de Salamanca enviou dois catedráticos a negociar com Filipe II determinado negócio. O primeiro que falou apresentou ao rei tão prolixa informação, que chegou a ser impertinente. O Rei ouviu-o com paciência e no fim perguntou ao companheiro se tinha que dizer alguma coisa. E éle: — Senhor nada tenho que dizer e apenas pedir-lhe que faça o que pede o meu companheiro, pois se não farei com que éle apresente outra informação a V. Magestadé.

## Pois não a tinha!

O Cardial Maldachini sendo ainda leigo, de pouca cultura e verdes ânos, (era então disciplina da Igreja nomearem-se cardiais ainda crianças) seguia de Roma a Loreto. No caminho encontrou-se com uma chusma de estudantes estrangeiros pobres que em altas vozes lhe suplicaram: *Eminentissime Cardinalis, fac nobis charitatem*, galante termo latino a pedir esmola.

Meteu apressado a mão ao bolso, e não achando que lhes dar, respondeu, tão falho de dinheiro como de latinidade: — *Non habeo charitatem*: Eu não tenho caridade.

## Regras de bem viver

Eis a receita do conde de Atouguia, João Gonçalves Ataíde, para se passar a vida bem, e sem inimigos:

Gorra descoberta  
Ganha vontades:  
Bolsa aberta  
Conquista cidades:  
Amor não concerta  
Com desigualdades.